



Crônica do estágio (e) cotidiano

Jefferson Fernandes Alves

Professor do Estágio Supervisionado Para a Formação de Professores em Teatro. Professor do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo do CE/UFRN. Membro permanente dos programas de pós-graduação PPGEd, PPGArC e PPEEsp da UFRN;

João Pedro Araújo de Sousa

Realiza docência assistida no Ensino Supervisionado Para a Formação de Professores em Teatro através do Programa de Pós Graduação em Educação/UFRN. Licenciado em Ciências Sociais – UFRN. Desenvolve pesquisas entorno das representações sociais sobre a docência nas licenciaturas em ciências humanas;

Judson Bezerra de Andrade

Homem negro, gordo, lgbt, candomblecista ha mais de 6 anos e potiguar desde pequeno. Graduando em teatro na UFRN, costureiro e fundador do Ateliê Araká, local de protagonismo negro onde é criado roupas de terreiro e ecobags. Sou percussionista e figurinista na Nação Zamberacatu de Natal e performo a Inddiegente Zu, dragqueen monstra. Tenho interesse em performatividades negras e a integração delas na educação, buscando a visão através de perspectivas afro referenciadas;

Tatiane Cunha de Souza

Professora substituta do Ensino Supervisionado Para a Formação de Professores em Teatro – Departamento de Práticas Educacionais e Currículo – CE/UFRN. Professora de Artes/Teatro da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte. Preceptora do Programa Residência Pedagógica em Teatro na Escola Estadual Lauro de Castro – Natal/RN.

*Todo dia ela faz tudo sempre igual,
Me sacode às seis horas da manhã.*

Levanto, vou à cozinha, ponho água no fogo, faço meu café, sento na cadeira de balanço na área com uma caneca cheia, tomo tudo, recupero o fôlego e me preparo para as próximas horas de trabalho e estudo.

Tenho uma jornada a mais, além de estudante de Licenciatura em Teatro na UFRN, sou costureiro, trabalho antes e depois da aula.

É quarta-feira, às 10h da manhã, tenho encontro da disciplina de Ensino Supervisionado para a Formação de Professores em Teatro I e dedico toda minha atenção. Considero esse componente importante para a minha formação, ensinar é algo que me atrai e assusta, uma linha tênue que separa o medo do desejo.

Sabia que esse momento iria chegar e chegou, na pior conjuntura!

Mal completou 100 anos da pandemia da gripe espanhola e surgiu outra tão assustadora e tão letal quanto, não levada a sério como deveria, causando danos e mortes que nem os mais pessimistas esperavam, mas isso não é tão relevante, o foco aqui é a formação.

Todos em casa.

Todos de volta às aulas, mas em casa.

Casa, trabalho, teatro e universidade num ambiente só.

Todo dia ela diz que é pr'eu me cuidar.

Reforço o café da manhã, sento na cadeira, a do computador, o ligo, a mão começa a suar, o coração acelera e a ansiedade se instala, terei aula de estágio, o professor já estava escolhido e já estavam com as formalidades (quase) cumpridas e a notícia:

- O docente já não pode mais dar aulas, a demanda de 40 horas já foi quase cumprida, você terá que ser realocado para outro grupo.

O que eu posso fazer? nada! Só me resta dizer:

- Fazer o que? Está certo.

E então fui realocado, fui para outra escola, sem sair de casa - maravilhoso, não é? Acompanhar outro educador, na verdade, outra, uma graduada em artes cênicas que ensina teatro numa escola municipal da zona sul de Natal/RN.

Agora acabaram os comunicados? Não, não acabaram os comunicados:

- Devido às medidas de segurança, serão adotadas outras formas de validação do estágio: assinatura eletrônica no SIPAC - Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

Que ótimo, agora vai ser bem mais fácil, certo? ERRADO! A professora coordenadora do estágio continua:

- Vocês precisam assinar, a docente que irá acompanhar e a coordenadora da escola.

Eu organizei uma lista mental e verifiquei: eu havia assinado! Meu grupo de estágio, também havia assinado!

A professora a qual irei acompanhar: assinou, demorou, mas assinou depois de uma pequena dificuldade. A coordenadora da escola: estava cansada!

Depois de mais de duas semanas tentando e tentando, buscando ajuda, esforçando-se para cumprir a formalização do estágio, a responsável pela parte pedagógica de toda a escola já estava exausta, sem entender o que dava errado no sistema e depois de muitas tentativas, finalmente, conseguiu. Assinou o bendito Termo de Compromisso no SIPAC.

Depois de vários dias vamos começar acompanhar as aulas, certo? ERRADO!

Tempo, tempo, tempo, tempo, és um senhor tão bonito.

O tempo passa, o estágio não flui e a ansiedade aumenta.

*Todo dia eu só penso em poder parar,
meio-dia eu só penso em dizer não.*

Não posso parar, preciso continuar, mesmo com medo, não posso deixar de me empenhar.

O estágio precisa continuar.

O que aconteceu dessa vez? Qual dificuldade?

A escola decidiu dar segmento às aulas desde abril, pesquisando condições sociais dos alunos e a fim de manter o vínculo com eles, iniciou as atividades remotas no mesmo mês. Implantou blocos temáticos mensais e bimestrais com os temas: meio ambiente, arraiá dentro de casa, folclore e emoções. Os estudantes aderiram, na turma de 20 alunos tinham 15 participando, os pais ajudaram, agora 10 e com o auxílio do whatsapp conseguiram desenvolver essa relação de ensino, agora eram 5.

Eles também cansaram.

Em outubro, a escola encerrou as atividades do ano letivo de 2020 e ficamos sem turma para acompanhar.

Eu cansei.

Meu grupo cansou.

Pensando em um possível ensino híbrido, a instituição de ensino parou para formular o plano anual de ensino híbrido.

Ainda assim acredito

Ser possível reunirmo-nos

Tempo, tempo, tempo, tempo

Num outro nível de vínculo

O tempo passa, o semestre se encaminha e o estágio não vai se cumprindo.

Serão necessárias reuniões de última hora para traçar um plano de emergência e dar continuidade, o tempo está passando.

Não para de passar, poderíamos esperar esse tempo de pandemia passar, não poderíamos?

Antes disso há uma atividade:

- Será solicitado um material audiovisual acerca da experiência prática da docência em formação, dos desafios desse fazer e aliar à prática artística.

Como falar de uma experiência que não foi vivida?

Não ter experiência também diz muita coisa, afirmou a professora coordenadora do estágio.

Elaborei o cenário: sentando em outra cadeira, a máquina de costura está ligada (trabalho), notebook do lado (Universidade) e um bebê no colo (vida doméstica), tudo remetia ao semestre remoto, tudo em excesso e ao mesmo tempo, em tom irônico, disse o texto: Olha, esse estágio assim é massa de fazer, né? É tudo mais fácil, a gente tá em casa, a gente trabalha, estuda, cuida de criança, eu acho maravilhoso, porque né, pelo computador a gente ter a proximidade, é inclusivo, ajuda bastante no estudo, no ensino. Eu gosto muito, acho muito proveitoso, a gente melhora como professor, como docente, como discente, eu acho o semestre remoto maravilhoso, esse estágio assim, nesse momento de pandemia, que já tá passando, quase não existe mais, mas é isso, né? Vamos fazendo isso que vai funcionar, está dando certo, todo mundo está aprendendo, todo mundo está ensinando. Estamos nos tornando ótimos professores.

Mais tempo passou e finalmente reunião, muitas.

Reunião com os professores da disciplina: precisamos definir os acompanhamentos.

Reunião com os professores da disciplina e a professora orientadora: precisamos definir temáticas.

Reunião com a professora e os professores em formação, finalmente!

Seis da tarde como era de se esperar

Ela pega e me espera no portão

Enfim um encontro para formação de um docente no meio dessa loucura pandêmica, houveram boatos que está tudo normal, o foco aqui é se reunir.

Motivada pela pausa que a escola deu a professora compartilha o que foi passado ao longo do ano, mês a mês, falando sobre a dificuldade de se reconectar com os alunos e do esforço conjunto da escola e dos pais para que as crianças não perdessem o vínculo com a instituição, que não perdesse o ano, que não sofressem tanto com o que está acontecendo até os dias atuais.

Ela também me ouve, ouve meu grupo, há troca, há a explanação do plano anual de ensino,

de como lidar com esse hibridismo e a forma de deixar os assuntos mais próximos da realidade dos estudantes.

Tempo, tempo, tempo, tempo
Apenas contigo e migo

Depois de muitos debates e discussões sobre ensinar e ser professor, falo do meu medo e falo da minha vontade de ensinar, sobre a importância de ser um educador, um professor artista.

Para além da jornada e do trabalho, tenho outra no terreiro de candomblé, lugar onde a gente aprende e ensina, há troca de conhecimento entre o mais velho e o mais novo, todos se respeitam e compreendem a importância de cada um, é outra escola.

Eu gosto de ensinar, só tenho medo, eu gosto de trocar e de aprender, há o desejo.

Toda noite ela diz pr'eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor

Estamos passando em um período onde muita coisa está acontecendo, pessoas afetadas mentalmente com os empregos perdidos ou quase perdidos, doentes e mortos na família, um novo normal que não existe, permanecemos numa luta contra um vírus e negacionistas, com olhos vendados e sem rumos, tentando achar uma solução de como lidar com todo esse contexto que não é habitual.

Ainda que depois de tanto esforço e muitos encontros, o estágio foi ganhando forma e foi-se concluído. A docência fora construída aos trancos e barrancos, com o entendimento da importância desse momento, a escola e os alunos precisam do teatro, mas precisam saber a hora de parar e de se cuidar sem se comprometer mentalmente e fisicamente.

O medo diz que é para me afastar e a vontade de ser professor me faz querer continuar!

